

Ano 3, Vol. IV, Número 1, Pág. 162-179, Jan-Jun, 2010.

ENCONTROS E DESENCONTROS AMOROSOS NO FEMININO: UMA REFLEXÃO SOCIODRAMÁTICA SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO¹

Juliana Barbosa Lins de Almeida

RESUMO: O presente trabalho se refere a uma experiência psicodramática teórico-vivencial, cujo objetivo principal foi refletir como os papéis de gênero se relacionam com a psicodinâmica das relações amorosas. Para tanto, foram realizadas sessões de sociodrama tematizada por tempo determinado, cujo título proposto foi “Encontros e desencontros amorosos”. Os encontros aconteceram numa igreja presbiteriana da cidade de João Pessoa, Paraíba, com o grupo de apoio composto por mulheres viúvas, divorciadas e solteiras. Foram utilizadas técnicas psicodramáticas como facilitadoras do processo de espontaneidade e criatividade e os resultados foram analisados à luz da teoria psicodramática dos papéis. A realização deste trabalho transcorreu no período três meses, sendo distribuído em dez sessões semanais, com duração de duas horas cada. Foi observado que, apesar de o feminismo ter alcançado várias conquistas no âmbito social, a percepção da mulher ainda está muito arraigada no modelo tradicional de “dona-de-casa e mãe” e o do homem ao de chefe da família. Sabe-se que desde muito jovens as mulheres são pouco encorajadas para desempenhar atividades que sugerem desafios, assim como desde muito jovens recebem mensagens de que não são tão competentes quanto os homens, em relação a algumas funções, e isto, decerto, ainda hoje influencia na percepção de gênero.

Palavras chave: Relações amorosas, gênero, psicodrama.

ABSTRACT: This paper refers to a theoretical and experiential psychotherapy experience, whose main objective was to reflect how gender roles relate to the psychodynamics of relationships. To this end, sessions were held for a fixed themed role-play, which was proposed title "Lost in Translation loving." The meetings took place in a Presbyterian church in the city of Joao Pessoa, Paraiba, with the support group composed of widows, divorcees and single women. Psychodrama techniques were used as facilitators of the process of creativity and spontaneity and the results were analyzed according to the theory of psychotherapy roles. This work proceeded in three months by being distributed in ten weekly sessions, lasting two hours each. It was observed that although feminism has reached many achievements in the social sphere, the perception of women is still very much rooted in the traditional "stay-at-home mother" and the man at the head of the family. It is known that very young women are encouraged to perform some activities that suggest challenges as well as receive messages from an early age that they are not as competent as men, for some functions, and this, of course, still influences the perception of gender.

Key Words: Loving relationships, gender, psychodrama.

INTRODUÇÃO

¹ Este artigo foi elaborado a partir dos resultados encontrados na pesquisa monográfica intitulada “Encontros e desencontros amorosos: refletindo os papéis de gênero através do sociodrama” realizada para obtenção do título de Psicodramatista, através do Instituto Pernambucano de Psicodrama sob a orientação de Maria Aparecida Padovan e Marco Antônio Amato.

Refletir as experiências amorosas não é nunca tarefa fácil. Mesmo quando estamos ainda imersos na relação, esta missão envolve riscos entre encontros e desencontros de pontos de vistas. As minhas razões e as suas razões quase sempre se contradizem. Mulheres são acusadas de terem mania de “discutir a relação” por quaisquer motivos e os homens, de serem relapsos e desatentos. As mulheres são mais sensíveis, os homens uns brutos. A lista de mitos em relação ao amor é extensa, assim como os motivos pelos quais há tanto desencontro entre homens e mulheres nas relações amorosas. Por isso, esse trabalho se propõe a refletir mais de perto, através de uma visão feminina, como os papéis de gênero se relacionam com a psicodinâmica das relações amorosas.

Neste sentido, a visão feminina aqui presente é bastante peculiar: Trata-se de reflexões de um grupo de mulheres pertencentes a uma Igreja Presbiteriana que compõe o Grupo de Apoio – um grupo destinado a refletir as experiências de mulheres viúvas, divorciadas e solteiras sobre o ser e estar sozinhas, num mundo de pares. Este grupo de apoio nasceu em novembro de 2006 justamente da necessidade de ter um espaço que contemplasse esse público, carente de atenção e que não se identificava com os demais grupos existentes nessa congregação, dentre eles, o grupo e crianças, o grupo de jovens e o grupo de casais.

Assim, através do sociodrama tematizado, foram realizadas dez sessões de grupo cujo título proposto foi “Encontros e Desencontros Amorosos”. O objetivo foi o refletir dramaticamente sobre o tema do amor e do casamento, passando pelos mitos que circundam a relação amorosa, incluindo também a questão do gênero como uma das variáveis explicativas das diferenças e divergências entre homens e mulheres. Foram utilizadas técnicas psicodramáticas, tais como teatro espontâneo, dramatizações e escultura, como facilitadoras do processo de espontaneidade e criatividade. O papel fundamental que o amor e o casamento, em meio há tantos encontros e desencontros amorosos, desempenham atualmente justifica o interesse de se compreender melhor o que está por trás de nossas crenças e valores sobre eles e suas implicações e desdobramentos que em tanto afetam a nossa vida e as nossas relações.

SOBRE O AMOR E SEUS MITOS

Em nossa cultura ocidental somos ensinados que o amor é o mais belo dos sentimentos e que ele está presente em todos os lugares e pessoas. Livros, revistas, filmes, músicas e outros tantos estímulos dão conta de reafirmar essa suposição.

Embora saibamos que neste pacote amoroso haja também o inverso do amor – desprezo, rejeição, ressentimentos – não paramos de procurá-lo e desejar-lo como um importante projeto de vida. Porém, o amor romântico e a paixão tal qual conhecemos não são temas centrais em muitas sociedades e culturas, e a própria capacidade de amar é posta em prova em algumas civilizações.

A universalidade do amor, ou seja, a capacidade universal à predisposição para amar já foi tema de pesquisas antropológicas e sociológicas, nas quais, a premissa que as fundamentava baseava-se na crença de que certos povos considerados primitivos não teriam a capacidade de amar. Autores como Lewis Morgan, Margareth Mead e Evans- Pritchard são alguns dos que sustentam essa suposição, apoiados em explicações que classificam os “povos bárbaros” como não-civilizados o suficiente para experimentar os sentimentos e sutilezas que acompanham o amor (Lobato, 1997). As uniões entre esses povos se dariam por outros motivos, que não a adesão amorosa entre parceiros. Importante observar através desses estudos que há diferentes concepções de amor e que estas conferem a cada sociedade uma espécie de código específico, que estabelece algumas normas das condutas das relações amorosas.

Na nossa cultura, o que parece aproximar-se da concepção do amor é o conceito de amor-paixão de Lobato (op.cit), onde o amor é pensado como incontrolável irreprímível e irrefreável. Em sociedades individualistas como a nossa esse tipo de manifestação é exaltada como uma experiência emocional desejável e enobrecedora, afinal, o amor tudo pode.

A conjunção do amor com o casamento vem passando por diversas mudanças desde o século XII, quando, segundo Lobato (op.cit) e Fassa (2004), a existência do amor cortês heterossexual e humanístico foi datada. Isso se deu a partir da análise transcultural através dos primeiros registros dos trovadores da época, tanto na Europa e na América do Norte quanto em países do Oriente, que contaram e dissiparam a idéia do amor através de histórias, contos, músicas ou poesias. Estas narravam através de lutas, conquistas e sofrimento seus sentimentos à pessoa amada. Desta forma, a idéia de amor tal qual concebida hoje, numa sociedade individualista e ocidental como a nossa, não existia e até então, o amor e o casamento não estavam necessariamente implicados um no outro.

A paixão amorosa, representada hoje em dia como base da constituição familiar através do casamento, acarreta também, em consequência, a constituição da organização social no ocidente moderno. Porém, ela nem sempre foi o ponto de partida para a união de casais. Conforme afirma Aratangy (2007) “*O amor não é*

novidade na história da humanidade: ele faz parte da nossa bagagem desde sempre. A novidade dos últimos tempos foi à associação do amor com o casamento” (p.95). Segundo essa autora, o casamento foi inventado para consolidar alianças, garantir o direito de herança e proteger as mulheres. Este muitas vezes era um arranjo- um negócio- utilizado, por exemplo, como forma de reiteração de alianças entre famílias ou com o objetivo de garantir a extensão de bens, ou como sobrevivência financeira. Neste sentido, a paixão, e o amor eram tidos como supérfluo, e frequentemente, o encontro dos futuros cônjuges se dava apenas em poucos dias ou até mesmo no dia do casamento (Lobato, 1997; Delahaie, 2007; Aratangy, op.cit.).

Bustos (2001) aponta em direção a outro aspecto que no passado era ligado ao casamento, relacionando-o como a única forma socialmente aceita de exercer a sexualidade. Vale ressaltar que o exercício da sexualidade do homem sempre foi reforçado pela sociedade em geral, inclusive pelos pais, e neste sentido, é em relação às mulheres que essa observação faz mais sentido. Porém, passando a responsabilidade de encontrar os parceiros para os próprios cônjuges e não mais para os pais ou alguma autoridade respeitada pela família, o próprio vínculo do casal estimulado pela convivência fomentou a formação da família como o novo intento para o casamento.

Atualmente, o conceito de casar-se por amor constitui a forma mais aceitável e desejada socialmente de constituir um vínculo afetivo amoroso e apenas a livre escolha de se estabelecer este vínculo sustenta e justifica esta decisão. Em concordância, Fassa (op.cit) afirma que diferentemente do afeto familiar que decorre da convivência continuada, a relação amorosa implica em escolha. No entanto, conforme afirma Aratangy (op.cit.), isso implica também numa responsabilidade maior na escolha, quando o casamento não dá certo. Segundo Silva (2002), o namoro, o noivado e o casamento passaram a ser o centro dos valores afetivos de cada indivíduo e a escolha dos parceiros passou a ser pautada pela simpatia, atração física, correspondência afetiva, levando em consideração os ambientes que propiciam os encontros entre eles e com ressalvas às questões relativas ao preconceito em relação às uniões heterogêneas de pessoas proveniente de grupos e/ou classes sociais diferentes. Apesar de estarmos imersos numa cultura onde há um duplo discurso sobre casamento, ora aludido como um triunfo, ora como um cerceamento da liberdade, nós estamos sempre em busca de uma paridade e essa busca incessante nos coloca frente a muitos mitos, que desde os mais remotos tempos, circundam o universo do amor.

De acordo com Freire, Aguirre, Montenegro & Araújo (2006), em recente pesquisa com dados do Registro Civil (2000) e do Censo- IBGE (2000), a idade média de chance de risco do primeiro casamento é de 30 a 34 anos para os homens e 25 a 29 anos para as mulheres. Quando finalmente o eu e o tu se torna um nós, outros mitos e fantasias subsistem junto com a relação. Todo casal traz consigo uma bagagem emocional composta de desejos e expectativas, como também medo da relação do parceiro (a) não ser conforme seus planos. Além do mais, cada um traz consigo um modelo e anti-modelo do que imagine ser um casal perfeito. Esses modelos são influenciados por experiências próprias, através da relação com pais, amigos e parentes próximos, e uma dose de fantasia herdada da difusão social do ideal romântico presente no co-inconsciente coletivo. É com toda essa carga que o casal tem de lidar, tão logo decida formar um vínculo, onde a idealização do outro constitui, provavelmente, o ponto de partida e ponto final da relação.

Para Delahaie, o que dificulta as relações amorosas não é a intensidade do sentimento, e sim a velocidade da entrega. A urgência de amar parece ser o fio condutor a um tipo de amor que invoca a necessidade de alguém ao lado, ou mesmo, a necessidade de amar. Para isso exemplificar isso, ela invoca um mito conhecido como amor à primeira vista. Portanto, para ela o mito da paixão à primeira vista nos faz acreditar que existe apenas uma pessoa no mundo capaz de nos convir e o reconhecimento dele(a) é imediato e definitivo. Então, a paridade - necessária e saudável- passa a ser perseguida como única forma de ser feliz. Conforme Lobato (1997), a questão primordial do culto ao amor no Ocidente converge com o lirismo ocidental, que proclama uma obsessão pela pessoa amada intensa o bastante para que tudo o que não se relacione com o parceiro se torne desimportante.

Em uma pesquisa realizada por Levine e cols. em onze países, incluindo o Brasil, o amor é um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais. (Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues, Oliveira & Martinez, 2005). Nesta mesma pesquisa, observou-se que o Brasil foi um dos países que mais rejeitou a idéia do casamento sem amor. Segundo os autores, longe de ser apenas conteúdo de filmes e livros, a busca pelos príncipes e pelas princesas encantadas continua a ser uma realidade vivenciada por muitas pessoas. De acordo com alguns autores, como Damasceno & Valente (2006), Silva et.al. (2005), Neto (2004) e Silva (2002), o amor romântico ainda é a base dos relacionamentos, gerando expectativas, mitos e fantasias, tanto no imaginário de adolescentes quanto dos adultos.

SOBRE O GÊNERO E A TEORIA MORENIANA DOS PAPÉIS

De acordo com a teoria moreniana, a aprendizagem e o desempenho de papéis se dão através da Matriz de Identidade. Fonseca (1996) distingue no processo de formação da identidade instâncias da personalidade como, por exemplo, “eu”, “eu ideal”, “eu parciais”, “falso eu”. Para ele, a matriz de identidade é o berço da nossa consciência sobre nós mesmos, nossa capacidade auto-avaliativa. Citando Ancelin-Schützenberger, Fonseca (1980) afirma que o psicodrama concebe a essência do homem sob dimensões, dentre elas, o conjunto de papéis que ele representa na vida. Sendo assim, o papel tem uma função psicológica, uma vez que constitui o comportamento individual e uma função social, uma vez que, conforme Garrido Martín (1996), a existência do indivíduo se realiza pelo desempenho de papéis na sociedade e estes estão inseridos na cultura e precisam de contra-papéis para serem inteligíveis. No contexto psicodramático, o papel adquire a função psicossomática, pois delimita o corpo.

Considerou-se o conceito de papel que compreende o indivíduo como integrante de um contexto sociocultural específico na história, o “eu tangível” (Garrido Martín, op.cit). Este se refere à imposição de algumas normas de conduta, que de modo tangível, temos de adotar. Aqui o foco é refletir sobre como os papéis normativos de homem e de mulher estão presentes no imaginário da amostra que compõe este trabalho e, através do sociodrama, refletir como a suposição desses papéis se relaciona com a dinâmica das relações amorosas. Segundo Silva (2002), há na cultura ocidental modelos sociais diferentes para a menina e para o menino. De acordo com a autora, desde cedo à adolescente, quando experimenta o papel de mulher, é orientado que corresponda a um determinado papel feminino em sua relação amorosa e, para isso, lhe é ensinado que precisa aprender a conquistar o sexo oposto devagar, preservando-se. Para Bustos (2001), a instrução para os meninos é diametralmente oposta, pois eles precisam “atacar” clara e abertamente para adquirirem experiência. Conforme Echenique (in Vitale, 2004):

Desde o momento em que toma conhecimento do sexo do bebê, cada membro da família passa a desempenhar papéis em razão das expectativas de comportamentos e dos estereótipos correspondentes, desencadeando condutas matrificadoras do indivíduo como pertencente a seu gênero (p.52).

A revolução feminista iniciada na década de 1970 em muito contribuiu para que novas concepções de relacionamento fossem impostas, propondo a equidade de gênero e a libertação sexual das mulheres. Ainda hoje se vê conseqüências desta luta,

que embora tenha alçados vôos altos, está longe de acabar. A mulher, que até então tinha sido criada para aceitar sua existência essencialista de mulher e mãe, viu se abrir novas possibilidades, novos papéis (Almeida, 2007). Mas, apesar da importância e das conquistas do feminismo, alguns estereótipos continuam arraigados e postos no meio da relação amorosa, confundindo e emitindo sinais contraditórios para ambas as partes. Sobre isso, Bustos (op. cit.) comenta :

O casal de nossos tempos se encontra marcado por este turbilhão. A mulher quer ocupar o seu lugar. Não tem que aceitar sua natureza submissa, e o homem mergulha - como Adão – em forte letargia, fazendo esforços em vão para estabelecer a ordem. Um predomínio que lhe custou infelicidade e a sofrimentos, com tremendas dificuldades para amar e ser amado. (p. 17)

Por muitos anos, os homens foram os chefes da casa, os provedores. Aqueles que trabalhavam fora e garantiam o sustento da família. Cabiam às mulheres os cuidados com a casa e com os filhos. E com isso dava-se a separação entre a esfera pública, ligada aos homens e à esfera privada, às mulheres. Deste modo, conforme Freire, Aguirre, Montenegro & Araújo (2006), através dessas mudanças, as mulheres obtiveram maior independência das obrigações domésticas e passaram a desempenhar novos papéis econômicos, afastando-se cada vez mais da função única para procriação. Através de novas configurações familiares amplamente difundidas pela mídia, algumas idéias e crenças antigas começaram a perder força, dando lugar a uma nova concepção de família com número reduzido de filhos.

Em termos gerais, a identidade de gênero se culturalmente e a concepção de ser homem e ser mulher se dá por oposição. Desta forma, às mulheres é esperada uma maior identificação com a mãe, ao contrário dos homens. Tomando como base a matriz de identidade para situar as diferenças entre mulheres e homens nas relações amorosas, Echenique (in Vitale, op. cit) cita a identidade de gênero e os pólos de fusão e individuação como centro dessas diferenças. De acordo com a autora, os estímulos oferecidos pela matriz de identidade a cada gênero são diferentes e as mulheres vivenciam a identificação com a mãe – a fusão de uma forma mais tranqüila do que os homens, pois ela constrói uma primeira noção de identidade por semelhança. Na relação da mãe com o filho, estabelece-se primeiramente a diferença- a individuação- na qual o menino não pode ser a mãe, pois é justamente o seu oposto. Ainda segundo a referida autora, é justamente através da qualidade dessas vivências fusionais iniciais com a mãe que se têm as diferenças nas formas de se relacionar amorosamente entre homens e mulheres. Para ela, as mulheres desenvolvem um sentimento primitivo de pertencer, dado ao sentimento fusional de identificação com a mãe e com o grupo

feminino que no futuro resulta numa maior propensão a fusão com os outros e com o desejo de intimidade. O mesmo não acontece com os homens, pois o processo de individuação é facilitado pelo afastamento. A identificação neste caso se dá quando o pai se torna presente. Para a autora:

A construção da identidade inicia-se em ambos pelo gênero, com base nas nessas primeiras vivências afetivas. Enquanto ela desenvolve o sentimento de ser semelhante e parte, ele desenvolve o sentimento de ser “à parte”, diferente uno. (...) Assim como há uma pressão social para a mulher permanecer presa ao pólo fusional, há uma pressão sobre o homem para que fique preso ao pólo da individuação. O homem que se afirmar, separar-se, ser indivíduo. (...) A mulher quer se fundir ao amado (...) (p. 54-53).

Dentre os desencontros amorosos está a re-configuração do papel de homem e de mulher na relação. Deste modo, nos propusermos a identificar alguns desses desencontros e compreender o que é esperado de uma relação amorosa, bem como ser mulher e homem numa relação amorosa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões desta sessão se referem ao discurso e à expressão através da experiência sociodramática sobre as vivências amorosas em relacionamento amoroso heterossexual das doze participantes – *Amélia, Carla, Cleuza, Edite, Glória, Gracinha, Lúcia, Luzinete, Maria, Mônica, Neuza e Zumira*² - que compõe o *corpus* deste estudo. As análises repousam na expressão das experiências, expectativas, fantasias, mitos e desilusões da vida amorosa das doze entrevistadas, analisadas a luz da socionomia.

No primeiro encontro, intitulado de “como me apresento neste momento?”, seguiu como os primeiros encontros amorosos: curiosidade e ansiedade. Mapeando o grupo, com consignas relacionadas às relações amorosas, pôde-se confirmar dados já levantados por Rocha, Gobbi, Mazzarino & Krabbe (2005): nenhuma das mulheres viúvas tinham se relacionado novamente, após a morte do cônjuge e apenas uma das mulheres divorciadas tivera um namorado. Aparentemente, a maioria estava fechada para um novo amor. A motivação então, seria tentar buscar os motivos os quais o assunto “romance” mobilizara tamanha resistência do subgrupo que afirmava não querer mais ninguém e perceber como isso influenciava a pequena parte que ainda tinha fôlego para uma nova investida.

² Os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios, para salvaguardá-las de qualquer possibilidade de identificação.

Através dos cartões pessoais, no qual cada uma representou através de um desenho como se apresentaria no momento a uma pessoa especial, emergiu naturalmente o conteúdo interno tanto das resistências quanto das novas necessidades em relação ao amor, conforme mostra as palavras de Neuza e Carla, respectivamente:

“Eu tive um marido muito maravilhoso, por isso tenho medo de gostar de alguém e ele não ser tão maravilhoso”.

“O que eu mais gostaria de um homem era que ele fosse um pai para os meus filhos (...)”.

A probabilidade de re-encontrar a espontaneidade provavelmente motivou a continuação de cada uma no grupo nesse projeto de busca, então o clima se transformou numa área de ainda mais coesão – agora elas eram cúmplices e seriam co-autoras das histórias uma da outra. A história de vida de cada uma logo se encontrou na segunda sessão, que buscou avaliar como cada uma estava internamente, em relação as suas experiências amorosas. Tal como aponta os resultados da pesquisa de Dantas de Araújo (2003), que pesquisou as relações amorosas junto a mulheres que viviam histórias de amor extraconjugal, a relação amorosa é tida como um projeto de vida importante, mas que sonegou algo de muito precioso, como a realização efetiva do amor em virtude de traições, opressão sofrimento. Podemos perceber o mesmo discurso nos depoimentos de Maria, Luzinete e Carla, descritos abaixo.

“Eu sou viúva há muitos anos. Ele não era lá muito bom, tinha outras mulheres, mas não faltava nada em casa. Mesmo assim, estou em paz. Não quero mais ninguém”.

“Eu nunca falei disso com ninguém. Meu marido era muito opressor, militar. Depois que ele morreu, eu fiquei triste, mas não senti, parece que a ficha não caiu. Mas depois que minhas filhas casaram e saíram de casa, fiquei sozinha de verdade, pela primeira vez. Parece que estou sendo viúva só agora”.

“Não é que eu seja triste, ou qualquer coisa assim. Acho que meu coração ainda está machucado, fechado para alguém”.

Para Damasceno & Valente (2006) o pensamento da mulher com relação ao casamento entre em conflito com dados de realidade, pois, entre o idealizado e o real há muitas diferenças e decepções, que vão do encantamento a paixão e ao romantismo inicial que, depara-se com a realidade, descobre-se que o casamento não é um conto

de fadas e que há muitas outras coisas que impedem o romantismo e a paixão de ser perpétua, tornando assim a relação bastante desgastada, frente à idealização de um relacionamento impossível de existir. Impossível ou não, é fato de que as experiências frustradas dessas relações se tornaram referencial de romance para essas mulheres.

Através das esculturas que representaram os sentimentos das participantes, pode-se perceber a resistência corporal de algumas, por vergonha ou medo do desconhecido, confessados ao final da atividade. Seria necessário buscar meios de aflorar a espontaneidade no grupo. Algo que foi alcançado através da terceira sessão, através de jogos de mímica com um tema que tocava a todas: a religião.

Conforme aponta Fonseca (1996), todo grupo há fases de desenvolvimento e neste não seria diferente. As quatro fases propostas pelo autor seriam: a *fase de indiferenciação*, onde há ansiedade por falta desconhecimento das outras pessoas ou de se expor em grupo; a *fase de reconhecimento grupal*, onde há a quebra de algumas resistências e as pessoas começam a perceber os outros no grupo; *fase de triangulação*, onde há agrupamentos dentro do grupo e *fase de circularização*, onde o grupo adquire uma identidade própria. Estávamos precisamente na segunda fase, e o aquecimento com passagens da Bíblia permitiu as participantes se distanciarem das conservas culturais, ousando cenas no chão, sem sapatos, sem amarras. No entanto, algumas mulheres experimentaram dificuldades em desempenhar o papel de homem. Desta forma, pode-se entrevê que para algumas, as normas sociais estavam interiorizadas de forma bastante arraigada.

Foi quando a fantasia entrou em cena, que as mulheres puderam adentrar no mundo das relações amorosas e atuar de forma mais criativa e espontânea. Segundo Machado (2007) isso se dá pelo fato dos contos cumprirem a função de expor as fantasias de forma indireta, já que elas provocam medo, desejos e perigos. Através dos contos, as fantasias são expostas pela boca dos personagens, como fantasia do outro, de outro papel. Em acordo, Damasceno & Valente (2006) enfatizam sua importância através do fato de que a fantasia muitas vezes funciona como escape para fugir da realidade ou como um projeto de vida a alcançar no futuro. Para tais autoras, as mulheres tendem a fantasiar mais as relações em relação aos homens.

Nesse mundo de contos de fadas, as mulheres puderam realizar suas fantasias na realidade sociodramática, dramatizando em cena como seriam seus “príncipes encantados”, assim como seu contrário, os “homens sapos”. Os papéis de homem e de mulher mostraram-se demarcados, conforme as cenas de teatro espontâneo iam se desenvolvendo. A esposa-mãe, cujos dotes domésticos não são

valorizados pelo marido foi representada na primeira cena, assim como na terceira, enfatizando a imagem de família tradicional. O homem “marido-que-trabalha-fora” explicita a associação da esfera pública ao homem e à privada à mulher, conforme afirmam Bustos (2002) e Castañeda (2006). Para ambos os autores, a aprendizagem está num dos cerne da questão. Para Bustos, as mães desde cedo instruem suas filhas sobre a importância de ter um marido e da maternidade, e de como “um bom rapaz”, ou seja, um marido em potencial tem que ser: trabalhador, capaz de prover o sustento. Já para Castañeda, a nossa sociedade possui um aparato ideológico e publicitário de influências que inculca formas de viver, pensar e sentir masculinas ou femininas.

Segundo Neto (2004), os mitos têm a capacidade de se transporem à ficção ao penetrarem no imaginário social, impondo condutas sociais afetivas distintas para os gêneros feminino e masculino. Moreno (1993) definiu Matriz de identidade o período na tenra infância em que começamos a aprender os papéis. Quando uma criança nasce começa o seu ciclo de aprendizagem a fim de formar a personalidade e o caráter. Através do desenvolvimento de nossa matriz, esses papéis – de mulher, mãe esposa – vão sendo introjetados. E, se todo papel necessita de um contra-papel, um complementar, para fazer sentido, aprende-se por oposição o papel de homem, pai, marido.

A comunicação nos relacionamentos apareceu como um fator importante para manutenção de uma relação saudável, conforme a segunda e quarta cena. Isso vai de encontro com a pesquisa realizada por Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues, Oliveira, & Martinez (2005), cujo objetivo era identificar quais histórias amorosas as pessoas mais se identificavam. Dentre os resultados, as histórias que continham uma comunicação saudável e fluida eram mais escolhidas, tanto entre homens quanto entre mulheres.

Conforme afirmou Aratangy (2007), os contos de fadas ultrapassaram a fantasia e proporcionaram uma ponte com a realidade vivida pelas participantes em algum ponto, conforme descrevem os depoimentos abaixo:

“Eu achei muito bom, lembrei dos sapos e dos príncipes que tive. Vi que também tem muita mulher que é “sapo”, que não é legal”. (Mônica)

“Eu lembrei de namorado que tive, eu gostei muito dele, mas acabei casando com outro. Achei lega. (...)” (Luzinete)

“Foi muito bom hoje, relaxante. Vi que nesses contos tem muita coisa da vida real. Tem muito sapo por aí, muito mais que príncipes. Acho que numa

porcentagem de 80% para 20%. Eu acho difícilíssimo achar um príncipe, um homem que preste”. (Gracinha)

As dores de amor foram trabalhadas na sessão seguinte. A questão escolhida por unanimidade para representar uma dor de amor foi a traição, que foi abordada como uma característica do homem e todas as histórias dramatizadas referiram-se a traição masculina. A escolha grupal confirmou dados propostos por Delahaie (2007), que aponta, dentre outros o motivos, a infidelidade por parte do marido como um dos motivos mais comuns entre as mulheres para pedir o divórcio. Segundo as participantes, apesar de considerarem a traição comum, isso traz menos desconforto: a traição acaba a confiança numa relação e revela-se uma mentira sem desculpas ou perdão. A seguir, trechos de Maria e Glória, respectivamente, sobre a traição:

“Acho que os homens traem mais que as mulheres. Se fossem as mulheres que estivesse no lugar deles, seria um escândalo e eles não perdoariam. Acho que nós somos mais dependentes, não deveria ser assim. Traição é muito triste, estraga a confiança da relação”.

“Eu já to cansada de ver e saber dessas histórias. Aconteceu com minha irmã. É uma coisa que marca, não tem jeito. Se fosse comigo, nem sei o que faria, mas com o cara não ficaria de jeito nenhum. Não suporto mentira e traição”.

Apesar de ter sido uma sessão sobre dor, as participantes sentiram-se seguras para vivenciar as situações, sem que isso ocasionasse desconforto. Credito isso ao que Moreno denominou “continente grupal”. O termo designa o sentimento de segurança e aceitação entre os participantes de um grupo terapêutico. Por intermédio do fortalecimento de laços entre os integrantes e o desenrolar das técnicas, as pessoas sentem-se capazes de enfrentar os problemas, criando um ambiente de coesão e companheirismo, que são a base para minimizar sentimentos como solidão, vergonha e medo. O fato de se sentirem seguras e apoiadas, facilitou o processo de se abrirem à experiência do drama da dor. Segundo Blatner e Blatner (1996), uma das bases mais importantes do psicodrama é sua capacidade de mobilizar o poder que o grupo tem de curar um de seus membros, e, portanto, de curar a si mesmo.

Com a identidade grupal formada, o grupo avançou na imaginação e criatividade, ao comprar as passagens para uma volta ao passado no trem imaginário

para avaliar como as relações avançaram ao passar dos tempos. As décadas demarcaram de uma forma muito especial a forma como cada uma via o homem, a mulher e as relações de cada época. A concepção de casamento sem amor, segundo sugeriram Lobato(1997) Delahaie (2007) e Aratanga (2007) apareceu no discurso das mulheres, situando -o entre os anos de 1940 e 1970. Conforme Fassa (2004) e Silva (2002), amor romântico justifica as uniões atuais, servindo de motivo maior para a escolha a afetiva.

Através das descrições, pode se perceber que em termos de qualidade, a relação amorosa avançou em relação ao tempo. A descrição da mulher no ano de 2000 corresponde ao que Freire, Aguirre, Montenegro & Araújo (2006) apontam como mudanças catalisadoras desse novo re-significar amoroso, através das mudanças de papéis. Já a descrição do homem na atualidade corresponde a mudanças apontadas por Silva (2002) e Peixoto (2003), num deslocamento do machismo ao que Cuschnir chama de “masculismo”. Para tal autor, o termo advém de uma preocupação em refletir sobre os dilemas masculinos, em tempo de mudanças e re-significações do papel feminino. Desta forma, as mudanças sociais provocaram nos homens uma necessidade de ocupar novos espaços, como os afetivos e econômicos. Isso se relaciona diretamente com uma ampliação em vários papéis na vida afetiva, familiar, conjugal assim como o papel de provedor, que é compartilhado em muitos casos com a mulher, que trabalha fora de casa.

No entanto, uma discussão se fez presente nessa sessão: a mulher sozinha é vista com preconceito? Para muitas do grupo, sim. Se segue alguns depoimentos, conforme a o debate se deu:

Mônica: “ (...). *Eu sou viúva, mas já me senti olhada atravessada até aqui na igreja, por não ter marido.*”

Edite: “*Eu também já senti isso. É muito ruim.*”

Glória: “*É verdade, parece que a gente vale menos*”.

O fato de agregar mais ou menos valor a uma mulher em virtude de ter um companheiro revela ainda um preconceito velado em nossa sociedade. E esse preconceito cultural é sentido por muitas mulheres que optaram por adiar os planos de casamento em função de uma carreira, por exemplo, ou por aquelas, que tiveram seus casamentos interrompidos por um divórcio ou por morte do cônjuge. Ainda assim, a independência da mulher foi tida não só como desejável, mas como necessária para

que a relação dê certo. Em consonância a isto foi a escolha da música escolhida na segunda parte da sessão, que canta o direito da mulher de “ser, fazer e acontecer”.

Com a aproximação do fim das sessões, houve a preocupação de deslocar o interesse das experiências individuais para fora, em virtude da falta de tempo de se ater a conflitos mais profundos que por ventura pudessem aparecer. Com isso, através da dramatização de ideais de casais midiáticos escolhidos pelo grupo, pude observar os modelos e anti-modelos, assim como os critérios de escolha grupal para tais casais. Os critérios considerados como importantes para uma relação saudável fora, descritos como respeito, fidelidade e companheirismo. Já para o anti-modelo de casal, foram recusados a, falsidade, traição, violência, mentira e uma relação de aparências.

Através da abertura a experiência e coragem dessas doze mulheres, que voluntariamente se propuseram a trabalhar seus encontros e desencontros, abrindo suas vidas e seus corações, pode-se fortalecer os vínculos de amizade, expressar a criatividade e espontaneidade e enfrentar com garra os medos e as frustrações deste mar infundo que o amor se encontra submerso. Mas, acima de tudo, cada uma teve a ousadia de poder abrir sua caixa de pandora e trazer a tona os mistérios que fazem do amor um assunto tão difícil de entender e tão fascinante de viver, entre seus encontros e desencontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se com uma pergunta: como os papéis de mulher e de homem se relacionam com a psicodinâmica das relações amorosas? Para isso responder a esta questão, foi realizado um sociodrama tematizado junto a um grupo de mulheres viúvas, divorciadas e solteiras de uma congregação presbiteriana, que buscou observar em cada encontro como eram percebidos as mulheres, os homens e as relações de ontem e de hoje. Dentre as repostas, entremearam-se as experiências pessoais e as fantasias de cada participante.

Foi observado que, apesar de o feminismo ter alcançado várias conquistas no âmbito social, no âmbito individual ele ainda tem muito a caminhar. A percepção da mulher ainda está muito arraigada no modelo tradicional de “dona-de-casa e mãe” e o do homem ao de chefe da família. Sabe-se que desde muito jovens as mulheres são pouco encorajadas para desempenhar atividades que sugerem desafios, assim como desde muito jovens recebem mensagens de que não são tão competentes quanto os

homens, em relação a algumas funções, e isto, decerto, ainda hoje influencia na percepção de gênero.

Apesar de algumas participantes experienciarem em sua realidade um papel mais ativo, de provedoras e “chefes da casa”, foi difícil perceberem-se desta forma. Logo, a posição desfavorecida das mulheres é, com efeito, atribuída a expectativas tradicionais estereotipadas, partilhadas pelos homens e internalizadas pelas mulheres. Essas são difundidas pelos agentes de socialização, como a família, a escola, a mídia. A consequência desta difusão pode ser observada através das conservas culturais dos papéis de gênero.

Porém, há um fator que pode ser considerado como ponto equidistante de concepções opostas: a idade. Neste grupo específico, foi percebido que a idade serviu de ponto de corte para opiniões opostas em relação à percepção do homem e da mulher. O subgrupo composto das mulheres mais velhas (entre sessenta e setenta anos) tendiam a ser mais conservadoras e a acatarem as mudanças sociais com menor simpatia. Para elas, tanto as mulheres quanto as relações de hoje não possuem tantas virtudes como “as de antigamente”. Já em relação à percepção de homem, estas tendiam a uma explicação essencialista das diferenças, dirigindo ao comportamento do homem uma natureza própria e imutável. Já o grupo das mulheres mais novas considerou as mudanças sociais como uma significativa conquista, que implicou no aspecto positivo da livre-escolha amorosa e numa diminuição do estigma da mulher divorciada e sozinha.

Os agentes de socialização também têm influência direta sobre a percepção das relações amorosas. Dentre algumas influências, destaco o poder dos mitos. Alguns mitos sobre o amor estão presentes de forma muito maculada no co-consciente dessas mulheres e um deles, certamente é o mito do amor único. Ainda que a maioria expusesse que suas relações anteriores não foram satisfatórias, poucas delas se declararam abertas a novas investidas amorosas, no início do trabalho. O fato de já ter experienciado um casamento provavelmente as proibiam a tentativa um novo amor.

No entanto, à medida que o trabalho ia se desenvolvendo, muitas voltaram a sonhar com um novo parceiro, muito embora até o encerramento deste, nenhuma havia declarado esta com alguém. Apenas pelo fato de olhar a relação amorosa num contexto do “como –se” transformou as resistências iniciais em possibilidades de abertura a novas experiências. Estas experiências foram idealizadas através do desejo de companheirismo, romantismo, confiança e amizade a dois.

A respeito do método utilizado – o sociodramático- este se revelou numa ferramenta de extrema importância para o aflorar da espontaneidade e criatividade, além de fornecer um canal direto para os sentimentos mais íntimos e há muito guardados de cada uma das participantes.

Nos momentos de finalização do grupo, cada uma pode se auto-avaliar em relação à evolução no grupo, desde o início, como chegou nele, ao final, como estava saindo. Desde os medos e receios iniciais, todas declaram-se mais abertas a novas experiências, mais fortes e preenchidas, apesar de que em alguns casos, uma terapia individual seria necessária. Todas as participantes expressaram que se beneficiaram com o trabalho no grupo.

Para além de identificar o conteúdo dos estereótipos de gênero e suas implicações com as relações amorosas, é de suma importância observar o modo como eles interferem, de forma consciente ou inconsciente, na avaliação da qualidade da relação entre homens e mulheres e na explicação dos seus comportamentos uns com os outros. Decerto que hoje há uma maior comunicação entre homens e mulheres, apesar desta ainda haver interferências de todas as ordens. Decerto que hoje há muitos meios de se maximizar os encontros e minimizar os desencontros amorosos. No entanto, é somente quando homens e mulheres conseguirem atuar de modo espontâneo e sem reservas é que a saúde das relações afetivas se dará, sem ufanismos ou guerras de gênero.

Por último, é importante ressaltar que esses resultados são referentes a um grupo de mulheres, cujo contexto é bastante específico e embora não fosse do interesse deste trabalho analisar este aspecto, é importante destacar a religião como um ponto de apoio para o fomento de tais conceitos e percepções. Outro aspecto a destacar, como foi possível observar na descrição das características da amostra, trata-se de um grupo de mulheres protestantes onde a sua maioria possui um bom nível de instrução, como também socioeconômico. Portanto, não podemos esquecer que estas condições não estão presentes para a maioria das mulheres num país como Brasil, ficando nossos resultados limitados a faixa da população que possui as características da amostra, fazendo-se necessários futuros estudos na área considerando outras camadas populacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. B. L. Crenças sociais nas diferenças entre homens e mulheres e suas relações com a percepção da violência do homem contra a mulher. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

ARATANGY, L. R.. O anel que tu me deste: O casamento no divã. São Paulo: Artemeios. 2007.

BLATNER, A. & BLATNER, A. Uma visão global do Psicodrama. São Paulo: Summus, 1996.

BUSTOS, D. Perigo, amor à vista! Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph, 2001.

CASTANEDA, M. O machismo invisível. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa, 2006.

DAMASCENO, E. R. M. & VALENTE, M. L. L. C. (2006). Para além dos contos de fadas: O ideal e o real no pensamento das mulheres sobre o casamento. In: Anais do XIX Encontro de Psicologia de Assis. Acesso em 13 de novembro de 2007: http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/140_ELENIS_E_ROLDAN_MELGAREJO_DAMACENO.pdf

DANTAS DE ARAÚJO, D. R. O amor no feminino: ocultamento e/ou revelação? Estudos de Psicologia, v. 8, n. 3, p. 469-47, 2003.

DELAHAIE- POUDEIROU, P. Amores que nos fazem mal. São Paulo: Larousse, 2007.

LOBATO, J. P. Amor, Desejo e escolha. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1997.

FASSA, M. E. G. Amor, sexo e poder. Revista Brasileira de Psicodrama. V. 12, n.2, p. 19-36, 2004.

FONSECA, J. Ainda sobre a matriz de identidade. Revista Brasileira de Psicodrama. V. 4, n.2, p. 21-34, 1996.

_____. Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Agora, 1980.

FREIRE, F. H. M. A., AGUIRRE, M. A. C., MONTENEGRO, A. A. F. & ARAÚJO, K. L. S. (2006). Dinâmica da nupcialidade: Casamento, Divórcio, Viuvez e Re-casamento no Nordeste. In: Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Acesso em 7 de agosto de 2007: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docs/pdf/ABEP2006_396.pdf

GARRIDO MARTIN, E. Psicologia do encontro: J. L. Moreno. São Paulo: Summus, 1996.



MACHADO, S. M. Sobre a fantasia e os contos de fada. Acesso em maio de 2007:
<http://www.liberato.com.br/upload/arquivos/0131010716060516.pdf>.

MORENO, J.L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1993.

NETO, A. R. (2004). Amor: Um mito contado pelo corpo. In: Anais do Congresso Brasileiro e Encontro paranaense de psicoterapias corporais. Acesso em 13 de novembro de 2007:
<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/anais/Akim%20Rohula%20Neto.pdf>

PEIXOTO, C. (2003). Masculismo de Luis Cuschnir. Acesso em agosto de 2007:
<http://www.pailegal.net/fatiss.asp?rvTextoId=1879971413>

ROCHA, C., GOBBI, I., MAZZARINO, M. & KRABBE, S. Como mulheres viúvas de terceira idade encaram a perda do companheiro. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, p. 65-73, 2005.

SILVA, A. A., MAYOR, A. S., ALMEIDA, T., RODRIGUES, A. G., OLIVEIRA, L. M., MARTINEZ, M. Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. Interação em Psicologia, v. 9, n. 2, p.295-309, 2005.

SILVA, S. P. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. Caderno Cedes, v. 22, n. 57, p. 23-43, 2002.

VITALE, M. A. F. (org.) Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama. São Paulo: Agora, 2004.

Recebido em 3/2/2010. Aceito em 5/4/2010.